



Ex^{mo} Senhor
Senhor Alexandre Morujão
Rua Pinheiro Chagas, 16-1.º
COIMBRA

Maria Manuela Jacansa

R. Gomes Freire, 779-4^oE

LISBOA 1

Lisboa, 11 de Dezembro 1963

Sr. Doutor Morujão

Antes de mais, quero pedir-lhe imensa desculpa por só agora responder a' sua carta tão amável - quase a dizer tão amiga. E é tão raro encontrar em Portugal um Tom semelhante - de abertura e compreensão verdadeiras - que a sua carta mais me sensibilizou.

Uma espécie de preguiça mental que durou todo o verão e, em outubro, mudança de casa e uma série de ocupações inadiáveis fez, no en-

Tanto como que só agora possa
pôr uma certa ordem na correspon-
dência em atraso. Mais uma vez, espero
que me desculpe.

Tive o prazer de conhecer o Padre
Fragata, em setembro, no Porto. Fala-
mos de Husserl, dos poucos «husserlianos»
existentes em Portugal e da ideia de
criar entre nós um círculo husser-
liano. Confesso que, quando no meu
cartão, lhe falei nisto, fi-lo de uma
maneira um tanto platónica e vaga.
Mas o seu interesse - e o do Padre

Fregata - podem, de facto, conduzir a algo de mais concreto. Eu estou pronto a colaborar seja no que for que se faça nesse sentido. Por exemplo, o Rudolph Bolten falou-me mais de uma vez, de uma tentativa que se fez em tempos de ele vir a Portugal, tentativa que falhou por razões económicas - e parecem-me admiráveis que ele gostasse de vir. Não poderia pensar-se nisto de novo? E ser esta vinda o ponto de partida para qualquer coisa de ficarse criada

em Portugal?

É apenas uma ideia. Simplesmente eu, em Portugal, sou um zero - desenraizada como estou de qualquer universidade que é ainda, na pobreza portuguesa, a única entidade capaz de se fazer ouvir no campo cultural, se exceptuarmos a Fundação Gulbenkian.

De modo que posso apenas colaborar em iniciativas vindas de outros - mas a isso estou pronta.

Pergunta-me se consigo a

(2)

algum lugar universitário. Claro que tentei tudo o que era possível. Mas os resultados foram ruins. Pelo menos por este ano. Começo a duvidar se fiz bem em recusar, como recusei, dois convites para ir trabalhar para a América do Norte. Esperarei mais um ano. Mas não posso, por variadíssimas razões, continuar indefinidamente à espera... Ao fim e ao cabo, há inúmeros lugares, no mundo, onde não há, como cá, uma tão grande super-abundância de filósofos ou mesmo, mais modestamente, de professores de filosofia.

Já penso no que sentia um rato, o clássico rato branco de phi-

colóca experimental, metido num labi-
rinto de que todas as saídas estão
fechadas? É uma imagem bastante
exacta da situação em que me
encontro.

Objectivamente, continuo a fazer
investigações. Se ler o Prefácio de
minha tese verá que a considero
como simples ponto de partida pe-
ra um trabalho de maior interesse,
que espero apresentar, se Deus quiser,
como "maîtrise" em Louvain, ou
doutoramento em Portugal. Várias
pessoas me aconselham a fazer um
doutoramento em Portugal. Valerá!

a pena? Neste momento, acho que nada vale a pena, mas talvez seja apenas por estar uma tarde de vento e de chuva, mais crizenta que as tardes belas.

Não lipe muito as minhas palavras pessimistas. E sobretudo, hee-vo, não faça uso delas. Em Portugal não existe, de facto, diálogo, como diz: — é uma espécie de deserto, ou o tal labirinto em escala gigantesca, onde todas as saídas estão fechadas. Mas, por outro lado (ou talvez por isso mesmo) ~~sempre~~ que se abre a boca

e se diz um bocadinho do que
se pensa, há ~~logo~~ qualquer
desastre iminente. (Omeu diz que
que esta carta que lhe escrevo
sem puse o conhecer e 'já' um
risco....)

Desculpe fer-lhe escrito num
dia sem sol. E de qualquer
maneira agradeço-lhe imensamente
a sua carta tão simpática.

Se um dia vier a Lisboa, pode-
ria telefonar-me? Tef. 41123.

Com os melhores cumprimentos

da
Mamela / uai ra

R. Gomes Freire 179-40 E
LISBOA 1